

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Allan Dwan

10 e 15 de Dezembro de 2021

TIDE OF EMPIRE / 1929

Gesto Fidalgo

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Waldemar Young, a partir de um romance de Peter B. Kyne / **Direcção de Fotografia:** Merritt B. Gerstad / **Montagem:** Blanche Sewell / **Guarda-Roupa:** David Cox / **Intertítulos:** John Colton, Joe Farnham / **Interpretação:** Renée Adorée (Josephita Guerrero), Tom Keene (George Duryea) (Dermod D'Arcy), Fred Kohler (Cannon), William Collier Jr. (Romauldo Guerrero), George Fawcett (Don Jose Guerrero), James Bradbury Sr. (Bejabers), Harry Gribbon (O'Shea), Paul Hurst (Poppy), Buster Keaton.

Produção: Cosmopolitan Pictures, MGM (Estados Unidos) / **Cópia:** em ficheiro, preto e branco, com intertítulos em inglês, legendados electronicamente em português, versão sonorizada / **Duração:** 71 minutos / **Estreia comercial:** 23 de Março de 1929, Estados Unidos / **Estreia em Portugal:** 19 de Junho de 1930, Royal / Primeira exibição na Cinemateca.

Apresentado como o último western mudo da MGM, **Tide of Empire** é um filme típico de transição para o sonoro, em que se misturam diálogos fornecidos através dos intertítulos e uma banda sonora com bruite e efeitos de som, constando que coexistiram duas versões, uma muda e uma sonorizada. Protagonizado por Renée Adorée e Tom Keene, creditado segundo o seu nome real, George Duryea, narrativamente **Tide of Empire** centra-se no ano de 1848 e nas transformações provocadas pela caça ao ouro na região da Califórnia. Os “cartões”, que resgatam os jogos de linguagem tão do apreço de Dwan – aqui envolvendo a questão da tradução entre castelhano e inglês –, aludem de entrada a isso mesmo, às sucessivas ocupações da região da Califórnia, culminando nesse “ano em que ‘a indústria dos estrangeiros’ dos Estados Unidos rompeu a paz e a tranquilidade da vida espanhola”, data de início da corrida ao ouro e “início do roubo e da anarquia”.

Tide of Empire é um dos filmes preferidos de Dwan desta fase, em que o seu cinema estava bem oleado e as produções se sucediam, e que nele muito experimentou em termos de movimentações de câmara e uso de gruas. Mas **Tide of Empire** é também o filme em que Dwan experimenta o zoom pela primeira vez, como alude o realizador numa famosa conversa com Peter Bogdanovich no final dos anos sessenta, de que citamos uma parte significativa, dada a importância do seu testemunho: “O filme é bastante bom. Foi a primeira vez que usei a lente zoomar [a

primeira lente de zoom], que tinha acabado de ser inventada. Estávamos num cenário de western, e à distância havia umas colinas de onde uma diligência devia aparecer para entrar na cidade. Então decidi ser brilhante e disse “aqui está uma grande oportunidade para usar a zoomar, vamos filmar a chegada da diligência com ela”. E assim fizemos. Mas a câmara parecia estar montada nos narizes dos cavalos, porque os acompanhava; estavam sempre em grande plano, e às tantas lá aparecia a cidade, mas não se os via a aproximarem-se da cidade. (...) O efeito estava todo errado. (...) Ainda era experimental, só mais tarde se tornou uma coisa prática que qualquer um podia usar. Mesmo que ainda hoje não tenha um efeito de movimento, mas um efeito de extensão. Parece abrir em vez de se mover. Claro que, mesmo com movimentos de câmara, de modo geral é boa ideia passar por coisas para se ter um efeito de movimento. Sempre reparámos que, se passássemos por uma árvore, ela se tornava sólida e redonda em vez de achatada. Portanto, preferíamos edifícios com pilares, para termos um efeito maravilhoso quando passávamos com a câmara”.

Uma outra curiosidade mencionada frequentemente a propósito de **Tide of Empire**, e referida pelo próprio Dwan na mesma entrevista a Bogdanovich, diz respeito a uma inusitada aparição de Keaton numa das cenas do filme. Quando rodavam nos estúdios da MGM, Keaton terá aparecido a fazer umas acrobacias à porta de um *saloon* para divertir as irmãs Talmadge e as imagens foram incluídas no filme. Episódio que revela bem a liberdade que sempre norteou o cinema de Dwan.

David Robinson, que realizou uma importante análise do cinema mudo de Dwan (cf. *Le Maître du Cinéma Muet*), fez uma interessante contextualização do filme, que nos ajuda a situá-lo no interior da sua extensíssima filmografia: “no final do período do mudo, Dwan seguiu um curioso percurso, denotando uma certa insegurança face à aparição do sonoro e um desejo de escapar momentaneamente a Hollywood em plena mutação. Depois de **Tide of Empire** (1929), o seu primeiro western em dez anos, Dwan partiu para um território de caça à foca no mar de Bering para realizar o melodrama romântico **The Far Call** (1929), para a junto dos esquimós do Grande Norte para **Frozen Justice** (1929), depois para os mares do Sul para **South Sea Rose** (1929). Estes quatro filmes foram distribuídos com efeitos sonoros e partituras musicais sincronizadas pela Fox Movietone”.

Se Dwan é conhecido pela sua grande capacidade de adaptação às grandes mudanças no domínio do cinema, quarenta anos mais tarde queixar-se-ia ainda do fim do cinema mudo, denunciando a maior proximidade do sonoro com o teatro. Num paralelismo entre o bom cinema e a boa pintura, confessará: “Os bons pintores aprendem o que deve ser feito num quadro. A economia do traço é a essência da arte. Uma simplicidade extrema.” É essa aparente simplicidade, aliada a uma criatividade invulgar, que faz de Dwan um dos grandes mestres do cinema.

Joana Ascensão